



Sindipetro RJ Filiado à **FNP**
Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro

21 3034-73 00
sindipetro.org.br
contato@sindipetro.org.br
ACESSE NOSSAS MÍDIAS



ANO 8 - Número 433 - 06 de março de 2026



VIVAS NOS QUEREMOS:

Tomar as ruas contra o feminicídio e a violência machista, contra Trump e a extrema direita misógina e por orçamento real em defesa da vida das mulheres!

Enquanto nos preparamos para ocupar as ruas nesse 8m, uma década após a Primavera Feminista e a sanção da Lei do Feminicídio (nº 13.104/2015), o balanço de 2025 segue nos sangrando: o Brasil atingiu ano passado o recorde de 1.518 feminicídios, uma média de quatro mulheres assassinadas por dia. Esse número, o maior da série histórica, é a expressão material do machismo estrutural e da misoginia que se fortalece globalmente, alimentada pela extrema direita aqui e pelo mundo afora, com o exemplo categórico de um estuprador e pedófilo no governo dos EUA, Donald Trump.

A crueldade do recente caso de estupro coletivo de uma adolescente no Rio de Janeiro infelizmente corrobora com esse contexto geral. Estimulado pelo “movimento redpill” e similares, que acaba sendo um braço de propaganda do projeto político da extrema direita para as mulheres, a violência de gênero cresce também na juventude.

Ao escrevermos esse material, a nossa fúria e indignação coletiva já surtia efeitos nas investi-

gações do caso, provando que o movimento de mulheres hoje tem mais força que no passado - e que o extremismo reacionário surge justamente como uma resposta ao avanço dessa força pelos direitos e vozes das mulheres.

Esse caso também traz à tona a reivindicação histórica de que o letramento de gênero nas escolas é uma necessidade que não pode mais ser adiada e nem depender de negociações com a bancada evangélica.

A nossa exaustão é política e profunda. Tanto no caso do Rio quanto o de Minas Gerais, em que o tribunal tentou legitimar o estupro de uma menina de 12 anos por um homem de 35, o Judiciário e o Estado brasileiro no lugar de proteger em diversos momentos atuaram como engrenagens na violência contra a mulher.

Essa violência institucional que reforça o machismo e o racismo só encontra freio quando não nos calamos. É o levante das mulheres que expõe essas feridas e pode forçar o recuo de um sistema que nos despreza.

8M RJ
4 MOTIVOS
para participar do
8 DE MARÇO



1. QUEREMOS VIVER

O Brasil é o país recordista em feminicídios e violências contra mulheres. Nossa luta é pela vida! Queremos viver e envelhecer com dignidade!

2. SE ORGANIZAR É NECESSÁRIO

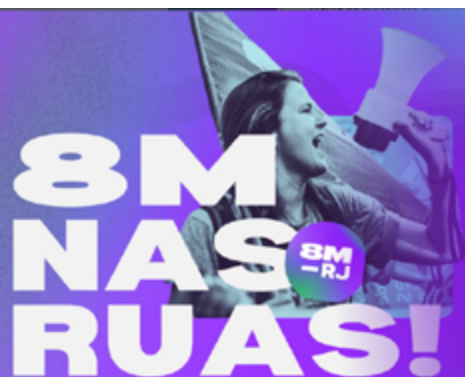
Na luta pela vida das mulheres nossa organização é fundamental. Somente organizadas em todos os espaços e territórios, garantiremos mais avanços e mais direitos, segurança e uma vida digna!

3. É PELA VIDA DE TODAS AS MULHERES

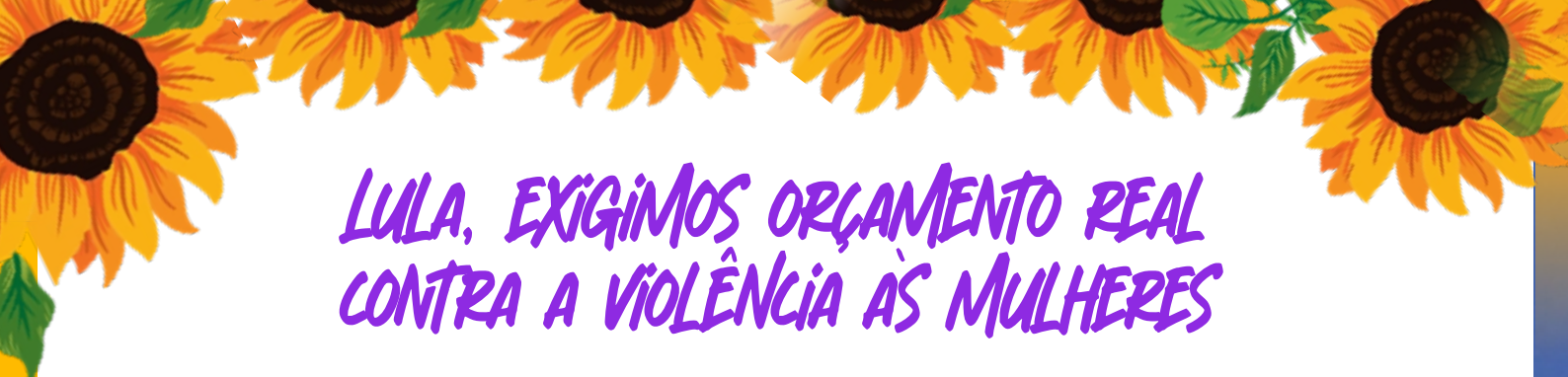
Quando uma mulher é violentada, todas nossas estamos em perigo! Por isso, nos organizar na luta pelas nossas vidas e contra toda forma de violência é uma questão de sobrevivência!

4. JUNTAS SOMOS MAIS FORTES

A nossa luta é coletiva, pois acreditamos que as soluções para os nossos problemas e desafios também.



Domingo
8 de março
10h da manhã
Posto 3
Copacabana



LULA, EXIGIMOS ORÇAMENTO REAL CONTRA A VIOLÊNCIA ÀS MULHERES

Por um lado, o governo Lula lançou esse ano, muito tardiamente, o 'Pacto Nacional Brasil sem Femicídio'. Por outro, subordinou a execução das políticas afirmativas às restrições do Arcabouço Fiscal.

No ano passado, enquanto o feminicídio atingia seu recorde histórico, o orçamento para o enfrentamento à violência contra a mulher sofreu o maior contingenciamento da última década - tudo em nome das famosas metas fiscais. Dos recursos reservados para o combate ao feminicídio em 2023/2024, apenas 15% foram efetivamente pagos. A manutenção do compromisso com os grandes banqueiros resultou em um corte de 68% das verbas destinadas à violência contra a mulher em 2025. Enquanto o gover-

no gasta R\$ 891,9 bilhões com os juros da dívida pública, a imensa maioria dos municípios brasileiros (94,1%) segue sem sequer uma casa-abrigo ou delegacia especializada.

Dada a violência extrema que vivemos, acreditamos que, mesmo tardias e simbólicas, campanhas públicas de combate à violência são salutares. Mas o fundamental é garantir políticas e orçamento para a segurança, acolhimento e o direito à vida das mulheres. Não nos parece razoável ter consciência da violência que está sofrendo e não encontrar alternativa ou saída garantida pelo Estado para escapar dela. Combater a violência de gênero exige um conjunto de medidas, e ações falam mais alto que palavras.

BASTA DE FEMINICÍDIO! POR UM PLANO DE EMERGÊNCIA DE PROTEÇÃO ÀS MULHERES!

PELA
SAÚDE DAS
MULHERES
TRANS!

FIM DA
ESCALA
6x1

CHEGA
DA CULTURA
DO
ESTUPRO!

FIM DA
VIOLÊNCIA
POLICIAL

ABORTO LEGAL,
SEGURO E
GARANTIDO
NO SUS

BASTA
DE
FEMINICÍDIOS!

CASAS-ABRIGO
E ATENDIMENTO
PÚBLICO DE
QUALIDADE

TOLERÂNCIA
ZERO AO
ASSÉDIO
SEXUAL

O ESTADO
É RESPON-
SÁVEL!
PLANO DE
EMERGÊNCIA JÁ!





SEJAMOS ÁGUAS QUE NÃO PODEM SER CONTIDAS: O EXEMPLO DO TAPAJÓS

A luta das mulheres do Tapajós é uma lição de autonomia para o movimento feminista. Com uma combatividade incansável, as mulheres foram parte importante da mobilização dos povos indígenas que derrotou o decreto que visava a privatização do rio Tapajós, enfrentando tanto os interesses do agronegócio

imperialista como a Cargill quanto o “vacilo” do governo, que agora recuando afirma que tudo se tratou apenas de um erro a ser corrigido. A defesa do que nos pertence se faz com luta direta, e o caminho para defender nossos bens comuns e vidas passa pela independência dos governos e patrões.

MULHERES PETROLEIRAS E SUAS PAUTAS

Segundo o Relatório de Sustentabilidade de 2024, as mulheres da Petrobrás seguem representando 17% do quadro próprio. Com a meta de alcançar 25% de mulheres em cargos de liderança até 2029, a Petrobrás vem intensificando a propaganda em torno da importância da diversidade na empresa. Gostaríamos de apresentar alguns pontos da pauta das mulheres petroleiras que vão muito além da propaganda.

Primeiro, é preciso denunciar a terceirização no Sistema Petrobrás, que atinge muitas mulheres. Para termos uma noção do problema, a Petrobrás admite oficialmente que não possui ou não divulga dados de gênero e raça sobre os terceirizados na empresa. Mas sabemos da realidade. Desde a Reforma Trabalhista de 2017, a Petrobrás aprofundou o uso de contratos de prestação de serviços que permitem modalidades precárias, como o trabalho intermitente. Isso atinge especialmente as mulheres em funções de apoio e limpeza, que muitas vezes recebem apenas pelas horas trabalhadas, resultando em salários que mal atingem o mínimo nacional. Fora os calotes das empresas terceirizadas, constantemente

denunciados pelo Sindipetro RJ e que do dia pra noite jogam mulheres no desemprego e o absurdo de existir no sistema Petrobrás a escala 6x1.

No offshore, onde a presença feminina é ainda menor (menos de 10%), lutamos pela isonomia de escala entre próprias e terceirizadas; por EPIs e uniformes desenhados para o corpo feminino e o fim do “tamanho único”, garantia de uniformes específicos para gestantes e equipamentos que respeitem nossa anatomia. Além disso, a ampliação imediata de camarotes, banheiros e vestiários exclusivos em todas as unidades e claro, uma permanente campanha de letramento de gênero e garantia de segurança especialmente nesse ambiente.

Nossa exigência de tolerância zero ao assédio sexual demanda protocolos rígidos e canais sigilosos que garantam resposta em no máximo 48 horas, evitando investigações lentas que protegem o agressor e revitimizam a mulher. Queremos comissões de apuração com maioria feminina e a garantia de que a vítima tenha autonomia total para decidir sobre sua lotação e transferência após a denúncia.

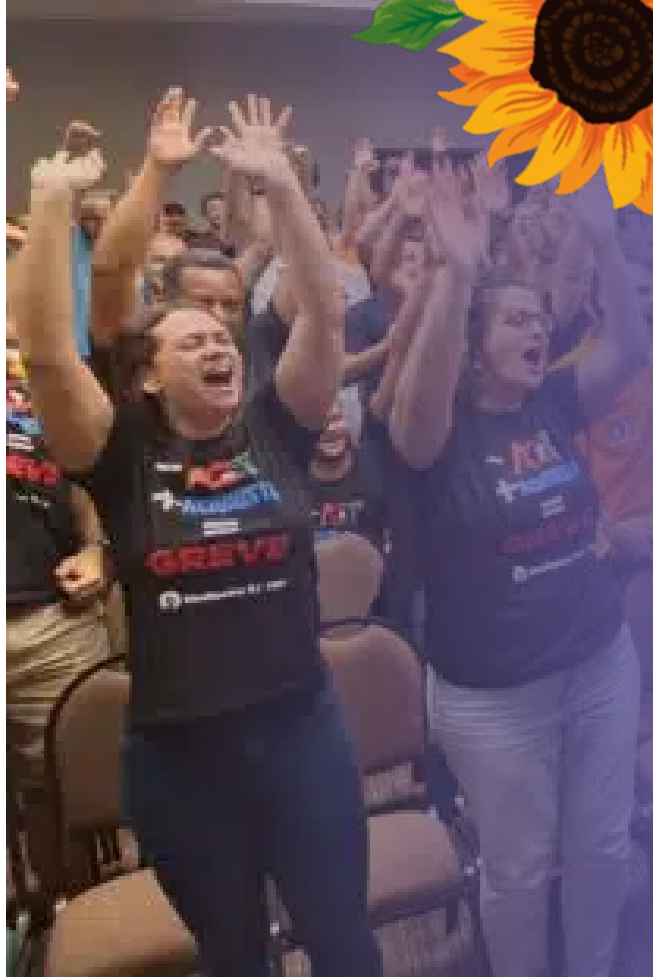
CONTINUA NO VERSO>>>



Em relação às mulheres trans, é preciso melhorar os mecanismos de prevenção e enfrentamento à transfobia no ambiente de trabalho de forma ampla e sistemática e, novamente, o combate à terceirização. Defendemos que todos os protocolos, programas e atenção à saúde das pessoas trans próprias sejam estendidos também às terceirizadas.

São diversas as pautas que atravessam o universo das mulheres da Petrobrás, como a do teletrabalho, as pautas específicas das mulheres gestantes, de aposentadas, saúde mental e aborto. Temos um longo caminho pela frente!

A força das mulheres petroleiras foi destaque nas recentes greves e lutas da categoria, o que prova que temos mesmo avançado em todos os espaços. É preciso que possamos juntos construir um presente e um futuro de luta inclusivo, capaz de transformar a Petrobrás em um território onde a igualdade não seja apenas um discurso de gestão e esteja a serviço da maioria da população. Por uma Petrobrás pública, 100% estatal e que reflita cada vez mais a diversidade do povo brasileiro - que é metade mulher!



*VIVA O 8 DE MARÇO E
A LUTA DAS MULHERES PETROLEIRAS!*

NOSSO FEMINISMO É INTERNACIONALISTA!

A aliança criminoso entre os Estados Unidos e Israel deu início a uma nova e sangrenta fase de sua agressão imperialista no Oriente Médio. O que era um genocídio brutal contra o povo palestino mesmo após a farsa do “cessar-fogo”. É preciso que o movimento de mulheres esteja à frente da luta junto com os trabalhadores do mundo pela derrota de Trump e do imperialismo em sua sanha assassina!

*FEMINISMO É A IDEIA
RADICAL DE QUE
MULHERES TAMBÉM
SÃO PESSOAS.
SEJAMOS TODOS
FEMINISTAS!*

*DIAS MULHERES VIRÃO!!
ARRANCAR NA LUTA
NOSSOS DIREITOS
E LIBERDADE!*

Sindipetro RJ

Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro

www.sindipetro.org.br | Telefone: 21 3034-7300

Sede: Av. Passos, 34 - Centro - Rio de Janeiro - RJ CEP 20051-040

Subsede: R. Itassucê, 157 - Jacuecanga - Angra dos Reis - RJ CEP 23905-000

Redação: Kênia R. Cardoso e Rosa Maria Corrêa (MTb 15.814-RJ)

Edição: Kênia R. Cardoso | Secretaria: Gabriel Carlos

Designer Gráfica: Adriana Gulias - Impressão: 3 Graph | Tiragem: 6.500